



PROEN
Pró-Reitoria de Ensino

DIREAD
Diretoria de Educação a Distância



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – DIREAD
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS A DISTÂNCIA
POLO PRESENCIAL DE SÃO JOSÉ DA LAJE

ANA PATRÍCIA MOURA DE ANDRADE SILVA
EDVÂNIA CORREIA DA SILVA MARTINS

**ENSINO E GRAMÁTICA: OS DIALETOS NORDESTINOS NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

São José da Laje/AL

2022

ANA PATRÍCIA MOURA DE ANDRADE SILVA
EDVÂNIA CORREIA DA SILVA MARTINS

**ENSINO E GRAMÁTICA: OS DIALETOS NORDESTINOS NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA¹**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Alagoas como parte das exigências de conclusão do curso de Licenciatura em Letras – UAB/IFAL para obtenção do título de Licenciado em Letras.

São José da Laje/AL

2022

¹ Trabalhamos com a terminologia "nordestinos" porque os textos utilizados em sala de aula são de autores conhecidos nacionalmente como nordestinos.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Murici
Biblioteca Professor Cícero Vieira de Araújo

S586e

Silva, Ana Patrícia Moura de Andrade.

Ensino e gramática: os dialetos nordestinos nas aulas de língua portuguesa / Ana Patrícia Moura de Andrade Silva, Edvânia Correia da Silva Martins. - 2022.
56f.

Arquivo no Formato PDF do Trabalho Acadêmico.

Orientação: Prof. Me Wellton da Silva de Fatima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Licenciatura em Letras/Português) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, UAB : Polo São José da Laje, São José da Laje, 2022.

1. Língua portuguesa 2. Variação linguística 3. Sociolinguística I. Título.
II. Martins, Edvânia Correia da Silva.

CDD: 469.8

Lucicláudia Silva dos Santos
Bibliotecária — CRB-4/2115

ANA PATRÍCIA MOURA DE ANDRADE SILVA
EDVÂNIA CORREIA DA SILVA MARTINS

**ENSINO E GRAMÁTICA: OS DIALETOS NORDESTINOS NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Alagoas como parte das exigências de conclusão do curso de Licenciatura em Letras – UAB/IFAL para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 11/08/2022

Membro 1: Prof. Me. Wellton da Silva de Fatima (Orientador – IFAL/Unicamp)

Membro 2: Prof. Dr. Odair José Silva dos Santos (Avaliador 1 – IFAL)

Membro 3: Prof. Dr. Leonardo Siqueira Antonio (Avaliador 2 – IFAL)

Suplente: Prof. Ma. Anny Querubina de Souza Barros (Suplência – IFAL)

São José da Laje/AL
2022



Emitido em 14/09/2022

DECLARAÇÃO Nº 2524/2022 - CSAN-CFG (11.11.02.02)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 15/09/2022 18:37)

LEONARDO SIQUEIRA ANTONIO

PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

CSAN-CFG (11.11.02.02)

Matrícula: 3160683

(Assinado digitalmente em 15/09/2022 19:39)

ODAIR JOSE SILVA DOS SANTOS

PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

CSAN-CFG (11.11.02.02)

Matrícula: 1127247

(Assinado digitalmente em 14/09/2022 20:46)

WELLTON DA SILVA DE FATIMA

PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

CSAN-CFG (11.11.02.02)

Matrícula: 1118621

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ifal.edu.br/documentos/> informando seu número: **2524**, ano: **2022**, tipo: **DECLARAÇÃO**, data de emissão: **14/09/2022** e o código de verificação: **6a1d8ca901**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, base de toda minha formação, em especial à minha mãe, meu maior exemplo de perseverança. Agradeço incessantemente pelas palavras de apoio nos momentos em que tudo parecia que daria errado. A todos eles minha eterna gratidão.

Ana Patrícia Moura de Andrade Silva

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, minha família, orientador e, principalmente, minha mãe, por ter me dado todo o apoio necessário para que eu chegasse até aqui.

Edvânia Correia da Silva Martins

AGRADECIMENTOS

Quando iniciamos qualquer projeto, por mais que haja planejamento, nem sempre tudo sai como planejado. Os últimos tempos têm exigido de nós muita coragem e resiliência para enfrentarmos situações que nunca pensamos que passaríamos.

Agradecemos primeiramente a Deus por nos permitir em meio a tantas dificuldades desenvolver e concluir essa pesquisa. Acreditamos que sem fé e confiança n'Ele nada disso seria possível.

Gratidão também às nossas famílias que sempre nos apoiaram incondicionalmente, pelas palavras de incentivo nos momentos em que pensamos em desistir. Seu apoio foi essencial para que pudéssemos continuar seguindo em frente e realizar mais esse sonho.

Com o mesmo afeto, agradecemos ao nosso professor orientador Wellton da Silva, por nos ajudar com suas sugestões e indicações e, principalmente, por toda a sua paciência conosco.

Aos professores que aceitaram fazer parte da pesquisa, se dispondo a ajudar e contribuir durante o processo de obtenção de dados.

Por fim, gostaríamos de agradecer àqueles que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento de nosso trabalho e nos mostraram que apesar de todas as dificuldades, com esforço e dedicação, tudo se torna possível.

Ana Patrícia Moura de Andrade Silva
Edvânia Correia da Silva Martins

“Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas”.

Marcos Bagno

RESUMO

Este trabalho consiste na análise do Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II quando se propõe a inserção do dialeto nordestino em sala de aula. O nosso objetivo é verificar, através de observações, como se comportam professor e aluno diante da variação linguística apresentada através dos mais variados gêneros textuais, bem como perceber como se conciliam a gramática normativa e a variação linguística no contexto escolar, sobressaindo-se como variante o dialeto da região Nordeste, o qual é alvo de muito preconceito e considerado errado pelos falantes de outras regiões do Brasil, isto levando em consideração a dimensão continental do país. A justificativa da pesquisa é a importância de se compreender que a língua pode variar sem se caracterizar como um erro, mas, varia de acordo com o lugar, com a classe social entre outros aspectos apresentados ao longo do trabalho, aspectos estes norteados pela Sociolinguística Variacionista, a qual tem seu precursor Labov. O aparato teórico metodológico adotado será Freitag e Lima (2010), Bagno (2008) e Faraco (2007), que através da Sociolinguística acentuam a importância de compreender a diversidade da língua e suas características, bem como inserir tal diversidade no currículo escolar. Nos resultados, é possível perceber as dificuldades no processo de ensino aprendizagem, do docente que precisa conciliar a gramática normativa com a variação linguística encontrada na língua materna, e do discente, em compreender que a língua culta é necessária, mas a utilização de dialetos, sotaques e gírias não é incorreto.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Variação Linguística. Sociolinguística.

ABSTRACT

This work consists of the analysis of Portuguese Language Teaching in Elementary School II when it is proposed to insert the Northeastern dialect in the classroom. Our objective is to verify, through observations, how teacher and student behave in the face of linguistic variation presented through the most varied textual genres, as well as to understand how normative grammar and linguistic variation are reconciled in the school context, standing out as a variant the dialect of the Northeast region, which is the target of much prejudice and considered wrong by speakers from other regions of Brazil, taking into account the continental dimension of the country. The justification of the research is the importance of understanding that the language can vary without being characterized as an error, but varies according to the place, with the social class, among other aspects presented throughout the work, aspects guided by the Variationist Sociolinguistics, which has its precursor Labov. The theoretical and methodological apparatus adopted will be Freitag and Lima (2010), Bagno (2008) and Faraco (2007), who through Sociolinguistics emphasize the importance of understanding the diversity of the language and its characteristics, as well as inserting such diversity in the school curriculum. In the results, it is possible to perceive the difficulties in the teaching-learning process, for the teacher who needs to reconcile normative grammar with the linguistic variation found in the mother tongue, and for the student, in understanding that the cultured language is necessary, but the use of dialects, accents and slang is not incorrect.

Keywords: Portuguese language. Linguistic Variation. Sociolinguistics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 APARATO TEÓRICO METODOLÓGICO.....	9
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
4 UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA	21
4.1 Metodologia.....	21
4.1.1 A primeira escola objeto de análise.....	21
4.1.2 A segunda escola objeto de análise.....	23
4.2 O trabalho com a gramática e a variação linguística.....	24
4.2.1 O trabalho com a gramática e a variação linguística.....	24
4.3 O trabalho de análise dos questionários.....	34
5 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	45
APÊNDICE.....	56

1 INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Portuguesa ao longo dos anos vem abrindo espaço para as mais diversas formas de variedades que constam na língua materna. Aos poucos, na escola, a gramática normativa está sendo ensinada, não como única opção, mas como uma forma de se expressar de maneira mais formal, não desmerecendo, então, a linguagem informal, a que é trazida para dentro dos muros da escola pelo aluno, que traz consigo as mais variadas formas de se comunicar através da língua falada, acentuando a rica variedade da Língua Portuguesa no Brasil, principalmente na região Nordeste.

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar a forma como o dialeto nordestino, mais precisamente em Alagoas, é abordado em sala de aula, ou seja, como está inserido na sala de aula pelo professor e como é absorvido pelo aluno, que muitas vezes é alvo do preconceito pela sua forma de se comunicar através da língua falada.

Para melhor compreensão do tema abordado, o trabalho está dividido em três capítulos, a saber: o aparato teórico metodológico, que explana de forma sistemática as teorias sobre a variação linguística e o ensino da mesma de diversos estudiosos sobre o tema, sobressaindo-se entre eles, Faraco (2007) e Labov (2008), esse último considerado o precursor da Sociolinguística Variacionista, a qual norteia esta pesquisa. Em seguida é apresentada uma Revisão de Literatura, em que os estudos de Tarallo (1986), Bagno (2008) e Vieira (2017) apresentam de forma rica o resultado de pesquisas que demonstram a importância da variação linguística na formação acadêmica do indivíduo.

Por último, é feita a reflexão do ensino da língua materna na escola, a qual é resultado da observação *in loco*, em duas escolas municipais que oferecem o Ensino Fundamental II, no município de São José da Laje, Estado de Alagoas. Observação essa que nos faz refletir, como futuras docentes de Língua Portuguesa, as dificuldades a serem enfrentadas, a prática pedagógica que deverá ser utilizada para que o ensino da Língua Portuguesa seja efetivada de forma que venha atingir o seu principal objetivo, que é preparar o aluno a lidar, nas mais diversas situações, com a linguagem de forma precisa e objetiva.

2 APARATO TEÓRICO METODOLÓGICO

Com o passar do tempo, é possível perceber que um dos problemas mais constantes no ensino da Língua Portuguesa – nossa língua materna – que se “restringe totalmente ao ensino da gramática normativa” (SOBRINHA & FILHO, 2011, p. 1), vem sendo minimizado, quando se observa que o processo de variação ocorrido nos níveis da língua, sejam eles a partir de fatores geográficos, socioeconômicos, escolarização, status e, até mesmo, a idade, vêm sendo levados em consideração. “A partir dessa dinâmica em torno da língua, vê-se que essa se renova constante e incessantemente, por isso, não deve ser estudada como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que as falam” (Bagno, 2008).

Uma mesma comunidade de fala pode apresentar variações na língua que é utilizada por seus falantes, geralmente essas diferenças ocorrem nos grupos que apresentam características sociais diferentes, uma vez que a língua pode variar de acordo com as situações de uso do falante. É preciso compreender sob quais aspectos a língua varia, Telles (2009) em seus estudos sobre linguística, aponta quatro aspectos relevantes da língua, a saber:

Há a **variação diatópica**, aquela que é associada ao lugar e que compreende, portanto, os regionalismos. As variações que marcam as diferenças de grupos sociais (seja referente à classe social, a grupos identitários ou de profissionais) são denominadas de **variantes diastráticas** e compreendem, por exemplo, a diferença no uso de gírias, jargões, termos técnicos, e, inclusive, a diferença em relação à chamada norma culta e a dita popular. A variação que tem como fator o caráter temporal é entendida como sendo uma **variação diacrônica** e a que incide sobre a situação de comunicação é chamada de **diafásica**, esta variação é aquela que tem como parâmetro a adequação de produção discursiva, tal como as exigências situacionais de formalidade e informalidade, as quais têm a ver, respectivamente, com uma certa atitude mais tensa ou menos tensa, mais controlada ou menos controlada da produção linguística. A variação nestes quatro aspectos podem se dar, portanto, em qualquer um dos planos linguísticos acima aventados (o fônico, o morfológico, o sintático, o lexical, dentre outros). (grifo nosso) (TELLES, 2009, p. 198)

Assim, ao estudar tal fenômeno, é possível estabelecer essas diferenças, como elas ocorrem e quais as mudanças que eles sofrem com o passar do tempo se

adequando as necessidades linguísticas de cada grupo. Logo, o fenômeno da variação é complexo, tendo em vista “o fato de que esses diferentes fatores não se dão de forma independente, mas se entrecruzam e se determinam” (TELLES, 2009, p. 198).

Nesse sentido, Salomão (2011) acrescenta que:

Uma das grandes diferenças entre a sociolinguística variacionista e a linguística estruturalista é o objeto. Na primeira, o objeto é a fala, enquanto que na segunda, os fenômenos da fala atingem apenas a substância material das palavras, não seu significado, e, portanto, não se constituem como seu objeto de estudo. Outra diferença essencial é a compreensão da variação e das mudanças linguísticas, uma vez que para os variacionistas as mudanças advêm do comportamento social enquanto que para os linguistas estruturalistas elas são internas ao sistema (SALOMÃO, 2011, p. 190).

Assim, “(...) constatar as variantes usadas por falantes de diferentes características sociais dentro de uma mesma comunidade é essencial para o entendimento de como uma língua se estabelece como tal, ou muda através do tempo” (BELINE, 2015, p. 138). Essas variantes, ao adentrar na escola, precisam ser consideradas, pois, tendo em vista que cada indivíduo possui sua individualidade para se comunicar, é preciso ensinar a gramática normativa, que se torna um desafio para o professor, de modo a inibir preconceito e exclusão.

Possenti (1996), ao discorrer sobre por que (não) ensinar gramática na escola, afirma que:

As diferenças mais importantes entre os dialetos estão menos ligadas à variação dos recursos gramaticais e mais à avaliação social que uma sociedade faz dos dialetos. Tal avaliação passa, em geral, pelo valor atribuído pela sociedade aos usuários típicos de cada dialeto. Ou seja: quanto menos valor (isto é, prestígio) têm os falantes na escala social, menos valor tem o dialeto que falam (POSSENTI, 1996, p. 24).

Nessa perspectiva, é preciso que os docentes adotem uma nova postura, que busquem por informações, que sejam pesquisadores e que não se prendam ao ensino de uma gramática prescritiva, pois a língua é muito mais do que normas presentes em uma gramática. Os professores precisam ter uma visão ampla do que é a linguagem, evidenciando qual o seu papel, sua função social, visto que é por meio dela que ocorre a interação (ANTUNES, 2003).

Para além disso, ao adotarmos uma perspectiva teórica em que língua e sociedade não se dissociam, é necessário compreender as dimensões em que o preconceito, que deriva de uma sociedade fortemente desigual, produz efeito nas práticas languageiras, afetando, assim, seus falantes. A questão da diferença tem nuances e está fortemente atravessada pela constituição sócio-histórica da sociedade brasileira. É contumaz admitirmos a diferença que vem do estrangeiro, enquanto rechaçamos a diferença que constitui a nós mesmos, brasileiros.

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente (POSSENTI, 1996, p. 25).

Assim, com atenção a essa especificidade de nosso objeto teórico - a língua na sala de aula -, ressaltamos a necessidade de tomada de uma postura política e cidadã contra o preconceito e a favor de uma abordagem verdadeiramente científica, pois, assim, "podemos pensar na variação como fonte de recursos alternativos: quanto mais numerosos forem, mais expressiva pode ser a linguagem humana" (POSSENTI, 1996, p. 33).

Antes de adentrarmos numa visão mais profunda sobre a importância da valorização das variantes linguísticas no ensino da língua materna, é válido refletir sobre as concepções de gramática e variação linguística, essas como objeto de estudo de diversos especialistas na área da linguagem, além das contribuições da Linguística e da Linguística Aplicada nas práticas pedagógicas dentro de sala de aula.

Para um melhor entendimento, utilizaremos a Sociolinguística Variacionista, que, de acordo com Lima (2010, p. 45) "encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, que influencia o processo de ensino-aprendizagem de língua materna". A mesma autora ainda aponta uma correlação entre Linguagem, Língua e Gramática, como vemos a seguir:

Quadro 1: Correlação entre as concepções de linguagem, língua e gramática

Linguagem	Língua	Gramática
<p>Forma ou lugar de ação ou interação. Os interlocutores são sujeitos que ocupam determinados lugares sociais num dado contexto sócio histórico e em diferentes situações comunicativas, não só traduzindo e externando pensamentos e sentimentos, transmitindo informações, mas principalmente atuando uns sobre os outros através da linguagem.</p>	<p>“Conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado” (CASTILHO, 1998, p. 11). A língua é uma realidade sócio historicamente construída pelos sujeitos/interlocutores. Língua = enunciação; atividade social.</p>	<p>O conjunto de usos efetivos historicamente situados, portanto heterogênea (representável por regras variáveis linguística e socialmente motivadas), está atrelado ao que podemos chamar de gramáticas descritivas funcionais. Descritivas, porque registram e descrevem diferentes variedades da língua em uso; e funcionais, porque procuram explicitar as regras que regem o funcionamento dos itens linguísticos em todos os níveis, principalmente o discursivo. Esse tipo de gramática não se ocupa apenas das formas, mas de formas e funções.</p>

Fonte: GORSKI; FREITAG (2008, p. 103) *apud* FREITAG e LIMA (2010).

É possível perceber que as concepções acima elencadas explicitam como a língua(gem) é dinâmica, porque varia de acordo com aquele que se utiliza dela e a gramática é estática, andando sempre em linha reta, sem consentir quaisquer modificações em sua estrutura. Essa diferença é bem representada por Bagno, que as diferenciam ressaltando que “enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igarapé, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua” (BAGNO, 2008, p. 20).

Nesse contexto, como futuras docentes de Língua Portuguesa, pensamos que é necessário que haja uma desmistificação de que a variação linguística dentro da sala de aula é uma ação errônea, visto que a língua é viva. Como citou Bagno (2008), não é possível que, na sala de aula, sejam desconsideradas a língua e a linguagem. A inclusão das mesmas no ensino não significa fugir das regras gramaticais, configurando-se assim erro.

Faraco (2007) explica que:

Se para a análise empírica, a variação é um dado a ser descrito e compreendido, para a ideologia da língua homogênea trata-se de um mal a ser combatido (a variação é intolerável). E a régua para esse combate é o que está nas gramáticas. Supostamente o que aí encontramos é a gramática da língua – a única concebível se a língua é tida como homogênea – e, em consequência, o padrão absoluto de correção (FARACO, 2007, p. 2).

Vê-se, então, que não é uma tarefa fácil, é uma ação que deve ser inserida no intuito de conciliar a gramática, tida como única e insubstituível, com a variação linguística, que precisa ser compreendida e aceita nas salas de aula, pois a escola cidadã não conseguirá alcançar seu objetivo de formar cidadãos atuantes na sociedade em que estão inseridos. Sobre isto, Cyranda e Scafutto (2011) esclarecem que:

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade – é oferecer a eles uma verdadeira educação linguística (CYRANDA e SCAFUTTO, 2011, p. 46 *apud* BAGNO, 2002, p. 80).

Diante do exposto, para que a língua materna seja ensinada de fato, é preciso compreender que, na sala de aula, há uma diversidade muito grande enquanto língua, principalmente na modalidade falada. Isso não deve ser um problema para o professor, mas um incentivo para que o mesmo use a variação linguística a seu favor, inserindo-a no contexto escolar, sem deixar de valorizá-la e respeitá-la. De fato, a utilização desta bagagem trazida pelos alunos para a sala de aula não irá, de forma alguma, desmerecer a língua estudada pela gramática, mas, buscar fazer o uso das duas, na forma escrita ou oral. Assim, o objetivo da escola é formar falantes políglotas dentro de sua própria língua.

A tarefa da escola é, então, ajudar os alunos a refletir sobre sua língua materna. Essa reflexão torna mais fácil para eles desenvolver sua competência e ampliar o número e a natureza das tarefas comunicativas que já são capazes de realizar, primeiramente na língua falada e, depois, também, por meio da língua escrita. A reflexão sobre a língua que usam torna-se especialmente crucial quando os alunos começam a conviver com a modalidade escrita da língua (FREITAG e LIMA, 2010, p. 155-116).

É com essa linha de pensamento, que não apenas a gramática, mas a língua(gem) também, dever ter seu espaço na sala de aula, não em caráter substitutivo e nem paralelo, mas, uma complementando a outra, de forma harmônica, onde o aluno conheça a gramática normativa e saiba utilizá-la, sem desprezar sua fala, que por muitas vezes é tida como errada, fazendo-o sentir-se excluído da sociedade.

3 REVISÃO DE LITERATURA

O tema abordado nesta monografia é extremamente pertinente tendo em vista a dimensão continental do nosso país, bem como a grandeza da região nordeste a qual abriga um dialeto peculiar e que é alvo do preconceito linguístico, levando em conta o grupo de fatores que condicionam a variação linguística característica da região, que, por muitas vezes, é tida como errada, principalmente na língua falada.

Nosso objeto de pesquisa, - a língua ensinada em sala de aula, focalizando-se especificamente a questão da abordagem da variação -, não é tema novo nos estudos sociolinguísticos tão pouco, mais amplamente, nos estudos sobre a língua portuguesa nas mais diversas áreas. Nesse sentido, procedemos a esta revisão de literatura, em busca de trabalhos alinhados teórica e metodologicamente à nossa pesquisa, pois, apesar da originalidade do nosso corpus, já há todo um modo de abordar a questão estruturado a partir de diversos pesquisadores.

Diante deste contexto, é possível observar na literatura diversos trabalhos a respeito da variabilidade linguística, com bem aponta Vieira (2017):

Sabemos que a variabilidade (conforme já definido pela Sociolinguística Variacionista) é uma propriedade essencial da língua e um pré-requisito para a mudança linguística, uma vez que a existência de uma variação pode ser um indício sincrônico de um processo de mudança em progresso. Essa heterogeneidade pode ser sistematizada quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionadores que contribuem, a cada situação de comunicação, para a seleção de uma ou outra das formas variantes (VIEIRA, 2017, p. 2).

Além disso, é importante salientar que o estudo está norteado pela Sociolinguística Variacionista, por meio da qual Labov (2008) sintetiza o objeto da Sociolinguística como o estudo da língua falada em relação ao contexto social, partindo da comunidade linguística, entendida como o conjunto de indivíduos que, além de interagirem verbalmente, também compartilham um conjunto de normas relativas aos usos. Sobre as variantes linguísticas, Tarallo (1986, p. 8) afirma que “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*”.

É com essa dinâmica da língua, falada e escrita, que a pesquisa para a construção deste trabalho foi norteadada pela leitura de diversos estudiosos sobre o tema, os quais foram de suma importância para melhor entendimento do estudo em pauta, alargando os conhecimentos sobre Sociolinguística, variação linguística, dialeto e preconceito linguístico.

Esses estudos refletem também uma das preocupações dos docentes que é o preconceito linguístico, advindo da variedade linguística apresentada pelos seus alunos, o que interfere no seu convívio social. Essa preocupação é percebida por Silva (2016) quando, na sua pesquisa, efetivada no Distrito Federal, região onde se recebe uma grande diversidade de pessoas advindas de vários lugares, apresenta-se a problemática da discriminação existente em decorrência da variação linguística no Brasil, a qual tem forte influência regional de diversos estados do país.

A abordagem da questão da variação em sala de aula esbarra, também, em aspectos institucionais supraescolares. O próprio currículo e os materiais didáticos oferecidos aos professores dificultam a abordagem do tema, produzindo efeito na maneira como a variação pode ser percebida e assimilada no contexto escolar. Ribeiro (2013), ao analisar uma coleção de livros didáticos fornecidos às escolas para a disciplina de Língua Portuguesa, comenta, a respeito desses, que "os livros didáticos apresentam os conteúdos sobre variação linguística de modo superficial porque seus exemplos não são acompanhados de aplicabilidade efetiva, simplificando de forma substancial o seu entendimento" (RIBEIRO, 2013, p. 20).

Bagno (2008) acrescenta que:

Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares (BAGNO, 2008, p. 44)

É a partir desta concepção que é possível visualizar a diversidade linguística, bem como o preconceito dentro das escolas, onde se ignora a individualidade de cada aluno, sua origem, sua classe social, dentre tantos outros fatores. Há, portanto, uma forma de preconceito linguístico estrutural, já engendrado nas práticas escolares, que se diferencia de outra forma de preconceito linguístico, mais explicitado, verbalizável. É por este motivo que o tema variação linguística é

estudado de forma recorrente entre os especialistas em Sociolinguística, a qual “estuda o fenômeno da variação linguística, os fatores que a condicionam e as atitudes da sociedade em relação às variedades” (SILVA, 2016, p. 20).

Nesse sentido, é necessário lembrar que, ao adotar a perspectiva de que língua e sociedade são indissociáveis, precisamos considerar a língua espaço de construção de identidades. Isto é, considerar o que é ensinado na escola como único e correto implica também a produção de uma violência simbólica em identidades socialmente constituídas pela língua e seu uso nas mais diversas formas de variação. Daí decorre também o fato de que muitos falantes com instrução formal continuam a utilizar variedades da língua que destoam da norma culta. Da Silva (2015), ao produzir um estudo de caso sobre a variação linguística na comunidade de Livramento, afirma, a respeito dos falantes mais escolarizados que “no caso dos informantes da comunidade, chegamos à conclusão que muitos utilizam a variação como forma de afirmação de identidade e pertencimento ao grupo familiar” (DA SILVA, 2015, p. 82). E a autora continua:

esses falantes passam pelo processo de acomodação linguística, quando as atitudes e comportamentos do falante são influenciados por um conjunto de normas estabelecido por outros falantes, esses outros constituem, para ele, um grupo de referência (DA SILVA, 2015, p. 82).

Assim, compreendemos que a questão da variação é atravessada e constituída por diversas nuances. Com efeito, a produção de identidades no interior das comunidades de fala está intrinsecamente ligada às formas de comunicação que se dão internamente a essas comunidades.

A respeito disso, Lima (2019, p. 17) ressalta que “a variação não ocorre através de um sistema, que seguem regras/normas, ao contrário, ocorre por meio das necessidades comunicativas dos falantes”, por isso, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21). Desta forma, “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade” (TARALLO, 1986, p.14).

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam (BAGNO, 2008, p. 51).

Nesse contexto, é impossível que o professor tenha êxito na docência de Língua Portuguesa apenas dando ênfase à formalidade, ou seja, à língua culta, pois,

Se a Língua de um povo é um produto social, e se essa sociedade em questão é heterogênea (principalmente o Brasil que é um país cheio de desigualdades de caráter social e econômico), logicamente que o idioma, como produto de seus falantes (a população de todas as classes), é, indubitavelmente, de natureza heterogênea. Daí o fato de não existir uma língua pura e única no uso, mas sim variedades desta, sejam do ponto de vista dialetal (diferenças regionais, históricas e de classes sociais: diatópica, diacrônica e diastrática) ou de registros (de acordo com o uso de cada um e das adequações de uso em sociedade – os estilos monitorados ou não) (MÉLO, 2015, p. 25).

Diante dessa colocação, é importante que o docente se atente em valorizar não apenas a língua padrão, mas toda a língua materna e suas variantes, pois são estas e não apenas aquela que torna a língua portuguesa uma língua tão rica. Língua, em nossa perspectiva teórica, é espaço de produção de identidades, dá-se na dinâmica da comunicação e da interação humana. Assim, ela deve ser explorada e analisada, dando a devida importância às suas variantes, em busca de acabar com o preconceito linguístico, que considera a variação linguística como um erro, em favor da variante culta.

Os defensores da gramática normativa vendo todos esses fenômenos acontecerem acham isso errado e, cada vez mais num poço sem saída, tentam se mostrar forte, inabalável. Ignorando, discriminando, rebaixando as pessoas. Se nossa língua fosse pura, como os gramáticos pensam a tal não tinha nascido do latim vulgar (BAGNO, 2008, p. 90).

É necessário que o educador tenha a sensibilidade de perceber que cada indivíduo tem suas próprias características, no seu modo de ser, de agir, de se expressar e de comunicar-se. É por isso que é preciso compreender que os dialetos são previsíveis e fazem parte do cotidiano escolar e não podem ser menosprezados, pois tal ação caracteriza o preconceito, desprezando a capacidade cognitiva do

aluno. Desta forma, o que a escola precisa fazer, antes de tudo, é considerar a cultura, a situação social e o espaço onde o aluno está inserido.

É o que aborda a pesquisa de Fouquet, que mostra de forma concisa o preconceito dos imigrantes no Estado de São Paulo,

a estigmatização dos nordestinos perpassa o falar característico e chega às diferenças de classes sociais e econômicas. As grandes cidades possuem pequenas cidades inseridas nelas e estas são compostas por pessoas da mesma classe e da mesma origem (FOUQUET, 2013, p. 22).

A pesquisa tem o intuito de verificar como os imigrantes do Nordeste enfrentam a diferença no dialeto na capital paulistana, evidenciando o preconceito e a exclusão dos indivíduos que “falam errado”, que “não sabem falar português”, o que causa danos à perspectiva que eles trazem que é a de um futuro melhor. Diante dessa situação, volta-se a pensar como as crianças, que trazem em sua bagagem a variação linguística, o dialeto nordestino.

Nesse momento, entra a escola e seu papel social, que é dar a oportunidade aos alunos de se tornarem cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que vive. Para que este objetivo seja efetivado, entra em cena o professor, que precisa ter consciência do que é variação linguística e, acima de tudo, respeitá-la e acolher essas “diferenças”, explicitando que estas não estão erradas, mas fazem parte do cotidiano de pessoas de outra região.

Ao fazer um estudo sobre a variação linguística e a relação entre professor e aluno, Neto (n/d, n/p) percebeu que

É necessário viabilizar o ensino escolar, tornando acessível para as inúmeras variedades linguísticas (sociais, regionais, sexo, gênero, faixa etárias) que qualquer língua viva possui. O ideal não é substituir um uso por outro, mas demonstrar aos educandos, a diversidade linguística que há no ambiente escolar. Nesse caso, não se pretende excluir a norma culta ou a padrão, mas conscientizá-los que podem ser competente na língua portuguesa e reconhecerem os diversos usos da língua, inclusive o da norma padrão (NETO, n/d, n/p).

Nesse contexto, é preciso que o enfrentamento ao preconceito em relação a variação linguística, esta trazida pelo aluno para a escola, tenha um sentido mais amplo, que saia de dentro da sala de aula e faça parte de um objetivo educacional mais amplo, trazendo dessa forma o respeito às diferenças. Esta concepção nos faz

entender que a incorporação de uma gramática contextualizada na escola, proporcionará aos alunos apre(e)nder e dominar a sua língua materna, desmistificando a ideia de que a Língua Portuguesa é difícil e chata, visão esta que perdura aos longos dos anos. É por isso que, “para se entender a mudança linguística na perspectiva laboviana é preciso levar em conta a vida social da comunidade onde a mesma ocorre, pois as pressões sociais agem continuamente sobre a língua com uma força social imanente” (FOUQUET, 2013, p. 25).

4 UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA

4.1 Metodologia

Partindo do pressuposto que a língua materna deve estar presente na sala de aula e não apenas a gramática normativa, esta pesquisa tem o objetivo de analisar a prática pedagógica de docentes de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, mais precisamente do 7º ano, em duas instituições de ensino.

Utilizando-se da metodologia exploratória, ou seja, a que leva o pesquisador mais perto do objeto de estudo, fazendo com o mesmo se familiarize com o que será investigado e possa levantar hipóteses sobre o assunto, a observação foi o ponto mais relevante durante a pesquisa.

Além da observação, também foi utilizado questionários, os quais foram aplicados aos docentes e conversas informais, que contribuíram e enriqueceram a pesquisa. Essa coleta de dados foi essencial para direcionar e embasar a formulação de hipóteses durante a pesquisa. O campo de pesquisa escolhido foi duas escolas da rede municipal de ensino do município de São José da Laje, as quais demonstram ter como prioridade a formação de cidadãos atuantes na sociedade.

4.1.1 A primeira escola objeto de análise

A Escola Tempo de Aprender² está localizada na zona urbana de São José da Laje/AL, no Povoado da Usina Serra Grande Várzea Bonita. Possui 299 alunos, divididos nos turnos matutino com 151 e vespertino com 148, oferece o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano.

A escola foi fundada após a cheia de 1969, com a construção do Conjunto Residencial Dr. Mário Guimarães que não época era o antigo médico do município, pois recebeu essa homenagem porque era amigo de toda população. Com o conjunto pronto foi criada a Escola Tempo de Aprender, em homenagem a uma mulher que era muito conhecida na Laje, filha de família tradicional e com serviço em benefício da população lajense. Na época, a escola ofertava o Ensino

² Os nomes das escolas onde foram efetivadas as observações são fictícios.

Fundamental I, com bastantes alunos, tanto atendia alunos do conjunto residencial, e outros bairros, como alunos advindos da área rural, tendo em vista que a sua localização fica próxima às terras da Usina Serra Grande.

A enchente de 2010 atingiu a unidade escolar, em seguida foi reconstruída no povoado da Usina Serra Grande chamado Várzea Bonita, oferecendo ainda apenas os anos do Ensino Fundamental I. Após alguns ajustes, no ano de 2017, passou a ofertar o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano.

Os alunos matriculados são da faixa etária de 12 a 17 anos, são de classe baixa, da periferia do município, outros da área rural, estes últimos necessitam utilizar o transporte público escolar para chegar à escola. A maioria deles têm como único sustento os recursos advindos do benefício Programa Bolsa Escola.

A instituição pertence à rede municipal de ensino, sendo mantida pela Prefeitura Municipal de São José da Laje e Secretaria Municipal de Educação - SMED. Como possui Unidade Executora própria, a escola também é beneficiada por recursos federais, como o PDDE e PDDE Qualidade. Participa do Programa Nacional do Livro Didático e recebe alimentação escolar através do PNAE. A escola também participa do Programa Saúde na Escola (PSE), sempre há reuniões com os alunos e funcionários para falar, orientar e discutir alguns pontos fundamentais para prevenção da saúde.

A diretora, Fabiana Silva das Neves, é especialista em Teologia, Pedagogia e Formação Continuada, exerce sua função há 7 anos e administra a instituição junto ao Conselho Escolar, que em conjunto tomam decisões de cunho pedagógico, administrativo e financeiro, evidenciando uma gestão democrática atuante, onde todos da comunidade escolar têm voz nas sugestões e decisões, buscando sempre a colaboração de todos.

Na unidade de ensino, o profissional que atua na coordenação pedagógica tem habilitação específica na área, tem um bom relacionamento com a gestão e com os docentes; acompanha os profissionais da docência planejando, discutindo as dificuldades, socializando as ideias, elaborando e colaborando na execução de projetos coletivos relacionados às necessidades de aprendizagem dos alunos. Ela desenvolve métodos e busca condições que atendam a realidade social e cultural dos alunos e professores, para que assim a escola possa ter a função de articuladora, formadora e transformadora. Ela também aborda questões que está no

cotidiano dos alunos, para que eles possam assimilar e reconhecer as mudanças recorrentes pelas quais a sociedade passa.

A equipe escolar é composta por profissionais que demonstram companheirismo, possui 17 professores, 03 cuidadoras que assistem alunos do AEE, 01 secretária escolar e 03 auxiliares de secretaria, 02 monitores, 03 merendeiras e 02 auxiliares de serviços diversos, 02 coordenadoras pedagógicas e 01 de apoio, 01 vigia e 03 serviços gerais, totalizando 38 funcionários.

A escola possui uma infraestrutura de boa qualidade e todo mobiliário da escola são adequados e suficientes para atender todos os alunos, todo espaço da escolar é bem dividido, são 5 salas de aula, todas possuem ventiladores, 01 sala de coordenação pedagógica, 01 sala de professores, 01 secretaria, 01 almoxarifado, banheiros dos funcionários, 01 banheiro na direção, 04 banheiros para os alunos, 01 sala de leitura, 02 bebedouros, lixeiros recicláveis, 01 cozinha e 01 depósito e também um pátio externo para hora do intervalo e merenda dos alunos. A escola possui Projeto Político Pedagógico (PPP).

4.1.2 A segunda escola objeto de análise

A Escola Portal da Aprendizagem, situada no município de São José da Laje, Estado de Alagoas, na R. Dr. Oscar Gordilho, s/n, Centro, é uma escola de direito público, integrante da rede de estabelecimentos municipal, regulamentada através da Resolução Estadual n. 038/11 - CEE/AL e Portaria n. 028/12, publicadas no D.O.E de 16 de janeiro de 2011. A escola está inscrita no INEP sob o nº 27023923 e contempla as modalidades de Ensino Fundamental nível II (6º ao 9º ano) e EJA - Educação de Jovens e adultos. Os alunos que residem na escola têm uma faixa etária de 12 a 35 anos, que são da classe baixa, da periferia do município, outros da área rural, estes necessitam do transporte escolar público para chegarem à escola. A maioria deles é beneficiária do Programa Bolsa Família e têm este benefício como única fonte de renda.

A mesma funciona os três turnos: matutino, vespertino e noturno. Seus recursos financeiros são advindos da esfera federal, entre eles: PDDE, PDDE Estrutura e PDDE Qualidade, além disso, oferece alimentação escolar através do PNAE e recebe livros do PNLD.

A escola possui uma área de terreno de 1.753,00m, a estrutura física é composta de 912,00m de área construída e de cobertura 641,00m. Suas dependências são: 01 diretoria, 01 secretaria, 01 sala do professor, 01 sala de coordenação, 01 almoxarifado, 01 cozinha, 01 depósito de alimentos, 01 lavanderia, 01 banheiro dos professores (coletivo), 07 banheiros para os alunos, sendo 03 masculinos e 04 femininos, 03 corredores, 01 laboratório de informática, 01 área coberta para recreio, 01 área de serviço e 01 pátio descoberto.

A atuação da Escola Portal da Aprendizagem está pautada no ideal de que, apesar das dificuldades e problemas encontrados no decorrer do processo, a mesma pode contar com uma equipe de profissionais atuantes que estão centrados na busca de soluções que promovam e assegurem a melhoria da qualidade de ensino. Para tanto, selecionou-se medidas de ação e intervenção que irão garantir o fortalecimento dos trabalhos desenvolvidos pelos eixos administrativo, pedagógico e estão relacionadas ao regime de colaboração para com todos os segmentos da comunidade escolar.

Dentre as ações que envolvem a comunidade escolar/família podemos citar: convite formal às famílias para comparecer à escola com o intuito de prestigiar os eventos promovidos pela escola (culminância de projetos, jogos, festas etc.); promover a semana da família na escola, visando maior integração entre família, escola e comunidade; após a avaliação diagnóstica, elaborar módulos levando em consideração os potenciais dos alunos e promover a Formação Continuada de Professores e Planejamento a fim de assegurar uma prática pedagógica consistente e eficaz.

4.2 O trabalho com a gramática e a variação linguística

4.2.1 O trabalho com a gramática e a variação linguística

Para se refletir sobre algo é necessário que, por um determinado tempo, se observe determinado evento. No caso do ensino da língua materna, verificou-se a necessidade de observar, mesmo as aulas sendo no formato remoto, como se dá a prática pedagógica no ensino da gramática e, conseqüentemente, da variação linguística.

4.2.1.1 Escola 1

É importante destacar que a procura por docentes de Língua Portuguesa que concordassem em participar da pesquisa foi extremamente desgastante. No início, quando abordávamos algum professor e íamos explicando qual era o tema da pesquisa e como havíamos idealizado o projeto, os professores acabavam concordando e se mostrando bastante interessados.

Ao elaborarmos os questionários, levamos em consideração a realidade do cotidiano escolar, uma vez que já conhecíamos um pouco a rotina das escolas em que os docentes trabalhavam. As perguntas basicamente tinham como objetivo saber como os docentes abordavam as variações linguísticas em sala de aula e qual era o conhecimento de cada um acerca do assunto.

Outra questão importante era saber se os professores faziam uma abordagem mais cautelosa, atentos aos detalhes e conceitos que de certa forma podiam ser confundidos, dificultando a compreensão por parte do aluno. Assim como saber também como eles selecionavam os textos e se tinham preferência por autores regionais e por que isso era importante.

Ao falarmos do questionário para os docentes e explicarmos que teriam que respondê-lo, os professores não faziam objeções, mas percebíamos que havia um certo receio quando explicado que era necessário também fazer uma observação das aulas. Deixávamos claro que tal observação serviria para verificar como esses docentes trabalhavam a questão da variação linguística em sala de aula e como os alunos recebiam e se comportavam diante de tal conteúdo.

Também enfatizamos que nosso objetivo não era julgar o que era certo ou errado, até porque não tínhamos esse direito. Talvez por vergonha de negar participar assim que os convidávamos, alguns docentes aceitaram contribuir com o trabalho, mas em seguida entraram em contato e alegaram não ter condições por falta de tempo ou porque precisavam seguir o conteúdo programático exigido pela escola.

Provavelmente o fato de saberem que haveria alguém observando a aula fez com que esses professores acabassem desistindo, o que é compreensível, pois muitas vezes é normal acabar se sentindo desconfortável com a situação.

Outro fator citado pelos docentes foi a questão do tempo e do formato das aulas, que estavam sendo realizadas por meio do sistema de ensino remoto devido

à pandemia da COVID-19. Dessa forma, todos os professores utilizavam um aplicativo de mensagens e mesmo cada aula tendo duração de 1 (uma) hora, esse tempo não era suficiente, pois tanto os docentes quanto os alunos enfrentavam alguns problemas, como por exemplo, o de conexão com a internet.

Àqueles que continuaram conosco durante a pesquisa, esclarecemos algumas dúvidas em relação a quantas aulas seriam necessárias para abordar e discutir o assunto. Para deixá-los mais à vontade, essa questão ficou a critério de cada um dos professores que optaram unanimemente trabalhar o conteúdo por uma semana, totalizando uma sequência didática de cinco aulas.

Inicialmente, consideramos esse tempo um pouco curto, mas não questionamos o porquê. Como já mencionado e novamente apontado pelos próprios docentes, seria uma sequência de cinco aulas porque eles precisavam “seguir” com os demais conteúdos exigidos pela escola e que a questão da variação linguística seria trabalhada durante todo o ano letivo.

Observação 1ª turma

Aulas remotas (por meio do WhatsApp). A professora iniciou a aula com a leitura de um poema, mas caracterizado com o dialeto mineiro, os alunos leram o poema e em seguida a professora explicou o motivo do poema estar escrito de tal forma. Falou que havia um desvio da linguagem padrão, que é o “português que se ensina na escola” e que a língua portuguesa, assim como as outras línguas, sofre variações. Explicou os motivos pelos quais essas variações ocorrem (escolaridade, região, classe social etc.), enfatizando a importância da linguagem oral e escrita e em como demonstramos diversas características ao nos comunicarmos com outras pessoas.

Chamou atenção para o fato de que não há uma linguagem errada e sim desvios da norma padrão, e que erroneamente existem pessoas que tomam atitudes discriminatórias diante dessa linguagem que apresenta variações. Alertou para a importância de ser tolerante e que diversos autores fazem uso desse tipo de linguagem em suas obras e o texto apresentado é um desses exemplos.

Para complementar essa explicação, a professora disponibilizou o vídeo “Variedades Linguísticas”³, que abordava os tipos de variação linguística de forma objetiva e didática, com linguagem simples e de fácil compreensão.

A 1ª atividade para a turma consistia na leitura de uma tirinha para que, em seguida, a turma respondesse a algumas perguntas. A atividade basicamente solicitava que o aluno informasse qual a linguagem utilizada pelos personagens, para que ele reescrevesse as falas de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, e para que explicasse porque foi necessário fazer essas alterações.

Para introduzir a discussão a professora expôs um texto que continha características do dialeto mineiro, este não foi utilizado como base em nenhuma atividade, nem tampouco foi comentado pela turma, muito menos foi dada a oportunidade dos alunos comentarem o que havia de diferente no texto enquanto variação linguística. Esta aula deixou um pouco a desejar, pois o que de fato interessava era a compreensão da variação linguística entre falantes de cada localidade.

Nas aulas seguintes, a docente comentou sobre a variação linguística no Nordeste, disponibilizou um vídeo sobre o assunto e pediu para que os alunos comentassem quais expressões eles já conheciam, pediu também que informassem o que haviam compreendido sobre o vídeo. A professora complementou que, dependendo da região, diferentes expressões podem ter o mesmo significado ou estar relacionado ao mesmo objeto.

Foi distribuído com os alunos o poema “dialeto nordestinos”, cujo autor não foi informado. Nesse texto, a professora trabalhou interpretação de texto e em seguida pediu para que os discentes reescrevessem as palavras destacadas no texto de acordo com a norma-padrão. Na aula seguinte, outro texto foi dado aos educandos, “Eu e o Sertão”, de Patativa do Assaré, e novamente a docente pediu que o texto fosse reescrito de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.

As atividades propostas serão anexadas.⁴

Observação 2ª turma

3 LOBO, Thiago. **Variedades Linguísticas**. Youtube, 17 de maio de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/XdittFSCtbk>. Acesso em: 10 de mar. de 2021.

4 Todas as atividades propostas durante a observação das aulas serão anexadas.

Para introduzir a aula, o docente colocou um vídeo do cordelista Bráulio Bessa e, assim que os alunos assistiram ao vídeo, o professor deu início a explicação sobre variação linguística. Falou sobre a norma-padrão, norma culta, diferença entre dialeto e sotaque, sempre enfatizando a heterogeneidade da língua. Falou brevemente sobre o dialeto do Nordeste e suas riquezas culturais, depois pediu que os alunos comentassem a respeito do que viram no vídeo e quais palavras eram estranhas e desconhecidas para eles (talvez pelo tempo e formato das aulas nem todos os alunos conseguiram assistir ao vídeo, o que consequentemente impossibilitou que alguns não contribuíssem com comentários durante a aula).

Logo após essa interação com os alunos, o professor aprofundou a explicação sobre o dialeto regional, falou sobre preconceito linguístico e buscou explicar que, apesar de ser uma mesma região, existem diferenças entre os falares do povo nordestino, o sotaque e expressões muitas vezes diferem de um estado para o outro. Como exemplo, citou o estado da Bahia em que é perceptível ver essas diferenças. A atividade desta aula foi para que os alunos pesquisassem sobre: variação linguística, dialeto nordestino e preconceito linguístico. Porém, utilizou uma linguagem mais acadêmica, que para os alunos provavelmente não ficou tão esclarecedor.

Esse momento da aula fez-nos observar que ao utilizar uma linguagem distante da realidade dos alunos a compreensão do que estava a ser abordado não foi tão proveitosa quanto poderia ter sido se o docente tivesse se utilizado de uma linguagem menos formal. Ora, se o propósito da aula era compreender as diferenças entre os falares, o interessante seria a utilização da linguagem comumente utilizada por todos.

Além disso, pode-se perceber que o dialeto tratado na aula foi apenas o utilizado no Nordeste, não foi abordado com outros dialetos utilizados em outras regiões do país, o que seria muito interessante, pois como o país é de dimensão continental, seria muito rico e um bom ponto de discussão para dinamizar a aula. Esta diferença entre os dialetos, além de mostrar o quanto a variação linguística é rica, também evidencia que não há erros entre os falares, mas diferentes formas de expressar através da fala, o que muitas vezes gera preconceito linguístico.

Na aula seguinte todo o conteúdo da aula anterior foi revisado e os alunos assistiram a um vídeo sobre preconceito linguístico e variação linguística. Os alunos

comentaram bastante sobre o conteúdo do vídeo e informaram algumas palavras que conheciam e seus significados. O professor enfatizou nessa aula a região Nordeste, sua cultura que influencia as formas de expressão, bem como as diferenças, tanto na oralidade quanto na escrita, de pessoas que têm mais escolaridade ou pertencem às classes sociais diferentes, de quem mora na zona urbana e na zona rural. Como atividade, os alunos tiveram que selecionar palavras dos vídeos vistos durante as aulas e informar o significado de cada expressão (em certo momento os alunos perguntaram se deveriam escrever as palavras de forma correta).

Na última aula observada, o professor revisou brevemente o conteúdo que havia sido explicado nas aulas anteriores, assim como colocou os vídeos para que eles pudessem vê-los novamente. O docente falou sobre os tipos de variação linguística, dessa vez com uma linguagem mais simples e compreensível, falou também sobre a situação do uso da língua na oralidade, padrão e não padrão, culto e coloquial.

Na última atividade, o professor trabalhou a música “Asa Branca” de Gonzaguinha, o professor explorou a interpretação de texto dos alunos, que tipo de variação estava presente na música, dialeto e por fim pediu que os alunos informassem quais palavras apresentavam variações. Vale ressaltar que o tipo de variação apresentado na música é a variação diatópica, a qual varia de acordo com o local em que está o falante, evidenciando que a variação linguística ocorre porque há diversas culturas, modos, hábitos e tradições nas mais diferentes regiões do país, fato que este que caracteriza os dialetos e sotaques da língua falada.

Embora haja outros tipos de variação linguística, como a diafásica e a diastrática, não houve comentários sobre as mesmas, limitando os alunos a não entenderem algumas variações, como as gírias, jargões e os linguajares, que são adquiridos em consequência da convivência entre os mais diversos grupos sociais e são características da variação diastrática. Assim como a variação diafásica, também conhecida como variação situacional, que está sujeita ao contexto ou situação em que o indivíduo precisa se comunicar, ou seja, de acordo com o momento o sujeito irá se utilizar de forma formal ou informal.

4.2.1.2 Escola 2

Observação 3ª turma

No início da aula a professora propôs um jogo onde os alunos associavam algumas palavras aos seus significados, aos poucos os resultados iam aparecendo e, a partir destes resultados, palavras que não mais se utilizam surgiam e se tornavam exemplos, tanto da não mais utilização ou como um mesmo objeto pode ter diferentes nomes de acordo com a região. Aproveitando os exemplos de mudanças na língua, deu início a aula de variação linguística, evidenciando a diferença entre “mudança” e “variação” com exemplos claros e objetivos que os alunos conheciam.

Em seguida, através de vídeos, explicou mais especificamente sobre variação linguística, como e porque elas ocorrem, sempre dando exemplos sobre como ela acontece na Língua Portuguesa, estabelecendo diferenças entre os falares de cada região do Brasil, dando ênfase à região Nordeste. Conceituou de forma bem simples língua e linguagem, tendo em vista que os alunos se mostraram um pouco confuso com o conteúdo apresentado.

Nas aulas seguintes, todo o conteúdo foi revisado e a professora comentou sobre os tipos de variação linguística. Como sempre, pediu para que eles comentassem um pouco sobre o que conseguiram compreender. O Cordel “Variações Linguísticas” foi o escolhido para consolidar a aprendizagem. De início foi feita a interpretação do texto e os alunos explicaram do que tratava o tema, a seguir, foi explanado os tipos de variação linguística, tomando, por exemplo, as palavras contidas no texto, evidenciando as variações tanto na fala quanto na escrita.

Por fim, falou sobre a variação linguística regional, sobre as diferenças entre sotaques e dialetos que pessoas de diferentes regiões apresentam, dando ênfase apenas aos diferentes significados e expressões das palavras, deixando de lado a variação no nível fonético/fonológico, morfológico e sintático.

É possível perceber este apagamento diante da atividade que apresentava um texto com diferentes dialetos. Os alunos tiveram que informar expressões próprias de cada um desses dialetos, para complementar a atividade, a canção “o poeta da roça”, de Patativa do Assaré, foi apresentado aos discentes para que eles reescrevessem de acordo com a norma padrão.

Nesse momento seria interessante que a professora tivesse exposto a diferença entre dialeto e sotaque, a saber:

A definição de sotaque é relacionada à pronúncia característica de um dado país, uma dada região, um dado indivíduo. O sotaque que percebemos são características suprasegmentais e fonéticas. Por exemplo, a entonação, a duração e a altura dos segmentos. Quando falamos em sotaque, falamos nos traços melódicos da realização linguística (FREITAG e LIMA, 2010, p. 23).

Enquanto um dialeto,

Costuma ser definido como a forma como uma dada língua é realizada em dada região geográfica; não são só o contorno melódico e os suprasegmentos que são diferentes: os traços lexicais, morfofonêmicos, morfossintáticos e semântico-discursivos também apresentam diferenças, em maior ou menor grau, mas que não chegam a impedir a comunicação entre os falantes de diferentes dialetos da língua (FREITAG e LIMA, 2010, p. 26).

A falta dessa explicação pode confundir os alunos na compreensão do que é correto ou não quando se trata da língua falada, é necessário que as diferenças sejam evidenciadas, mas não tidas como erro, pois a comunicação existe, o ouvinte compreende o que o falante quer expressar, e isso acontece não apenas em diferentes regiões, mas, também ao seu redor, é preciso que o aluno compreenda bem o conceito de dialeto.

Observação 4ª turma

Nas primeiras aulas, a professora questionou os alunos sobre variação linguística para perceber quais os conhecimentos prévios que eles possuíam em relação ao conteúdo, o que se transformou numa discussão bastante válida e foi aproveitada para explicar que a variação linguística se divide em formal e informal, evidenciando a variação diafásica. Explicou que a variação que mais se destaca é o dialeto regional, pois a língua pode variar de um lugar para outro e, que de forma nenhuma, o modo que o outro fala está errado, ou seja, ao mesmo tempo em que um indivíduo fala e o outro compreende não pode se considerar que há erro na fala.

A tarefa da escola é, então, ajudar os alunos a refletir sobre sua língua materna. Essa reflexão torna mais fácil para eles desenvolver sua competência e ampliar o número e a natureza das tarefas comunicativas que já são capazes de realizar, primeiramente na língua falada e, depois, também, por meio da língua escrita. A reflexão sobre

a língua que usam torna-se especialmente crucial quando os alunos começam a conviver com a modalidade escrita da língua (FREITAG e LIMA, 2010, p. 115-116).

Essa compreensão que se tem quando o outro fala, independentemente de estar falando formal ou informalmente não pode ser confundida com a escrita, pois esta é considerada apenas se estiver de acordo com o português padrão, esta observação foi seguida de alguns exemplos e após explanar sobre o assunto, solicitou que os alunos fizessem uma pesquisa de palavras escritas na forma padrão, mas, comumente, pronunciadas de forma informal.

Na aula seguinte continuou com a explicação e registrou o assunto no quadro com atividade relacionada com o poema “Vida Sertaneja” de Patativa do Assaré, a docente pediu que os discentes destacassem as palavras que estavam escritas de forma informal e em seguida escrevê-las de forma formal.

A professora também reforçou que entre os aspectos da variação linguística a língua não é usada de modo homogênea por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme, que dependendo da situação uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma de língua. Nesta aula pode-se perceber que os tipos de variação linguística foram evidenciados.

A variedade linguística regional foi abordada nas aulas seguintes, dando enfoque ao dialeto nordestino, como exemplo citou a literatura de cordel, explicando sua origem e sua estrutura de forma sucinta, tendo em vista que a linguagem contida neste tipo de texto se refere à região Nordeste.

O cordel escolhido foi “A chegada de Lampião no céu”, o qual foi explorado com leitura e atividade relacionada, na qual os alunos teriam que identificar no texto palavras que identificassem a origem da região Nordeste, explorando dessa forma a literatura e cultura da região. Para complementar a aprendizagem, um trecho do cordel “Ai se sêsse”, de Zé da Luz, foi lido e a partir deste, os alunos tiveram como tarefa reescrever o texto de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa.

Para explicar sobre qualquer assunto é necessário ter certo conhecimento a respeito, uma boa fundamentação teórica para poder compreender e da mesma maneira conseguir transmitir isso para o aluno. De fato, há uma certa dificuldade já

que, apesar de ser cobrado nos currículos escolares, alguns cursos de licenciatura mostram tais questões de forma um pouco rasa, apenas para constar na grade curricular.

Parte então dos próprios professores a iniciativa de buscar compreender de forma mais aprofundada questões que não são “trabalhadas” durante sua formação inicial. Porém, muitas vezes a rotina de trabalho e as condições financeiras dos professores não permite que eles tenham tempo ou condições para participar de formações continuadas e fazer especializações em determinadas áreas.

Ao observamos as aulas notamos um certo despreparo dos professores em relação ao assunto sobre variações linguísticas. Percebemos uma diferença entre as respostas que foram dadas nos questionários e em como foram aplicadas em sala de aula.

Um exemplo disso que chamou bastante atenção foi o fato de quando um dos professores utilizou uma linguagem que consideramos extremamente difícil para os discentes. Pode ser que, para demonstrar domínio do assunto, ele tenha inconscientemente feito uso de uma linguagem mais rebuscada, mas isso acabou dificultando um pouco o processo de compreensão dos alunos.

Como acadêmicas em Letras conseguimos compreender o que ele quis explicar, mas reparamos que os alunos que estavam sendo muito participativos durante a explicação, neste momento interagiram com respostas monossilábicas. Seria mais adequado e interessante se ele tivesse feito uma explicação com uma linguagem mais simples, o que provavelmente teria mais atenção dos alunos e uma maior participação.

Outro momento a ser destacado e que aconteceu em todas as aulas, mas em especial na primeira turma que observamos foi o fato de que a professora utilizou o texto apenas para introduzir o conteúdo, não houve sequer uma discussão sobre as características linguísticas presentes no texto. Apesar de explicar sobre variação linguística e destacar pontos importantes, essa professora apenas pediu em todas as atividades para que os alunos reescrevessem de acordo com a norma padrão da língua portuguesa os trechos ou palavras que apresentavam variação.

Isso pode de certa forma contribuir com a ideia de que as aulas de Língua Portuguesa apenas se baseiam no estudo da gramática normativa, uma vez que os alunos apenas reescreveram as frases de acordo com a norma padrão. Apesar de a professora ter explicado sobre variação linguística, tal atividade pode acabar

contribuindo com a ideia de que existe “certo” e “errado” na língua e que há um modelo que precisa ser seguido rigorosamente.

As aulas de Língua portuguesa devem despertar o interesse no aluno e assim incentivá-lo à leitura e escrita de textos, reconhecendo que não existe apenas um tipo de gramática, mas outros tipos, tais como a gramática internalizada e a gramática descritiva. De certo, o ensino da norma padrão é importante, mas também é necessário fazer com que esse aluno possa refletir sobre a língua levando em consideração o seu uso em situações reais, isto é, no contexto em que o falante se encontra.

O aluno não precisa perder a essência da sua fala, até porque não existe fala certa ou errada, só maneiras diferentes de se expressar. O que é fundamental é que a escola enfatize que em certas ocasiões esses desvios não devem estar presentes na escrita, dando assim a oportunidade de que o aluno possa conhecer e compreender estruturas um pouco mais complexas e conseqüentemente ter domínio de diversas modalidades de sua língua materna.

4.3 O trabalho de análise dos questionários

Para melhor qualificar a pesquisa acerca da variação linguística, os professores responderam um questionário sobre o tema da pesquisa, com o objetivo de demonstrar a realidade na sala de aula ao se estudar a língua materna com ênfase na variação linguística. Além disso, evidenciaram como ensinar gramática contextualizando-a com a língua materna, suas perspectivas e dificuldades em adotar novos métodos de ensino, dinamizando o ensino aprendizagem.

O questionário teve o objetivo de melhor compreensão da dinâmica da sala de aula, pois além de observar, é necessário analisar de forma sucinta a prática pedagógica do docente. Para tanto, foi questionado se a variação linguística era abordada em sala de aula e a importância dessa abordagem para a vida do aluno.

Também se fez necessário conhecer quais recursos didáticos são utilizados para a compreensão da variação linguística, bem como de que forma a gramática é contextualizada no cotidiano do aluno, levando em consideração o conhecimento trazido por este último para a sala de aula.

Buscou-se, diante da prática pedagógica analisada, quais as dificuldades que o docente encontra em estar sempre buscando novos métodos para inserir a

gramática normativa de forma mais casual em sala de aula, fazendo uma conciliação da gramática com a variação linguística.

Ainda com o intuito de compreender como se dá a abordagem da variação linguística no contexto escolar, o professor, como nordestino, expôs sua opinião e de que forma ele discute em sala de aula as características linguísticas do Nordeste. Por fim, o professor descreveu quais os critérios da escolha de textos de autores nordestinos que são trabalhados em sala de aula e se o socioleto é considerado nestes textos inseridos nas aulas.

Acerca da importância da variação linguística ser trabalhada em sala de aula, a resposta foi unânime, todos salientaram o quão é importante que, além da gramática, a variação linguística deve ser inserida em sala de aula, tendo em vista que “o Brasil tem dimensões de continente, sendo assim, cada região tem seu dialeto específico, [...] o tema variação linguística deve ser abordado em sala de aula, pois é uma forma de combater o preconceito linguístico”, afirma o professor José⁵. Corroborando essa afirmação, o professor João acrescenta que “é importante que os alunos tenham consciência das variações da língua e respeitem essa diversidade”.

A contextualização das aulas, compreendendo-se como contextualizada uma aula que aproxime o conteúdo didático ao conhecimento trazido pelo aluno, visando dar significado ao que se pretende ensinar e, conseqüentemente, tornar o conteúdo mais interessante e significativo para o aluno, também foi um ponto questionado.

Diante das respostas dadas, é possível perceber que para que o ensino seja através da utilização dos gêneros textuais, como ressalta a professora Maria: “é possível trabalhar de forma contextualizada, buscando de forma clara inserir nos gêneros textuais as funções gramaticais necessárias”. O professor João complementa dizendo que:

[...] existe um material riquíssimo que são os textos que os autores exploram essas variantes, e é a partir deles que os alunos percebem essa construção, daí, é só o professor mostrar essas diferenças de modo a comparar a sua linguagem com a de outras regiões.

5 Os nomes dos docentes são fictícios para preservar as suas imagens.

Neste momento, é possível perceber que para trabalhar a variação linguística contextualizada com a gramática é necessária a utilização dos mais variados textos, pois, os formais evidenciam uma linguagem mais culta, exigindo que as regras gramaticais sejam aplicadas e o vocabulário deve ser vasto e rico, enquanto os informais trazem um vocabulário simples, expressões populares, gírias, este último traz de forma rica a variação linguística, pois explicitam mudanças regionais, culturais e sociais, características da variação diastrática.

Ainda sobre a contextualização da gramática, o professor José complementa que esta

[...] se dará por meio da aplicação de metodologias que tragam significado para os discentes, dessa forma os conteúdos gramaticais serão abordados por meio de gêneros textuais que façam parte do cotidiano do aluno, pois a gramática não pode ser trabalhada de forma isolada.

Nesse contexto, vale ressaltar a importância que existe na relação entre o gênero textual e a variação linguística, pois os textos, quando trabalhados de forma sistemática, serão fortes aliados no processo de ensino-aprendizagem como colaboradores no desenvolvimento da linguagem, pois além de ampliar a capacidade para a produção textual e para a leitura, também colaboram para o aprendizado da gramática.

Diversos estudos apontam para tal significação desta relação entre gêneros textuais e variação linguística, Rocha (2020) ratifica que

Vários estudos que se apresentam na área da linguagem que visam estabelecer a relação entre teoria e prática, ou seja, faz-se necessário, antes de tudo, se compreender as concepções de linguagem a partir de uma perspectiva histórica, cultural e social, para assim inserir, de forma prática, os gêneros textuais enquanto mecanismos de socialização até se chegar a sua importância enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem (ROCHA, 2020, n/p).

Compreende-se, portanto, que a metodologia de ensino deve adotar novos métodos no ensino de gramática normativa, fugindo ao tradicional “decoreba” de regras, em relação a essa mudança de prática pedagógica, os docentes demonstraram algumas opiniões diversas, as quais veremos a seguir.

Para o professor José, a dificuldade de fugir do tradicional está na “não participação de formações continuadas sobre o assunto, muitos deles estão presos à aplicação de métodos teóricos, dessa forma, não buscam metodologias que facilitem o processo de ensino-aprendizagem”, esse pensamento se confirma com o que diz o professor João que acredita que “a maior dificuldade está no professor se sentir preparado para adotar esses novos métodos”.

Essa adequação a novos métodos de ensino não é vista como uma dificuldade, para a professora Maria, é possível perceber quando ela diz que “não há dificuldade, é preciso fazer reflexão sobre sua prática pedagógica, pensar nos alunos do futuro, portanto, nada melhor do que adequar-se a novas metodologias, incluindo tecnologias digitais”.

Para a professora Joana existe dificuldade também, mas não do professor, mas, e sim do aluno, ela diz que “a maior dificuldade está na perspectiva dos alunos, já que há anos está enraizada a gramática normativa como difícil e decorável”.

Essa afirmação nos leva a perceber que há muito tempo a gramática normativa é tida como a única forma correta da língua portuguesa, e que a escola reforça essa ideia, deixando transparecer de forma nítida a desvalorização da variação linguística. Neste momento, é perceptível o despreparo do professor ao tratar do assunto, pois, como já foi mencionado, é possível, e necessário, que a gramática e a variação linguística sejam abordadas de forma simultânea, demonstrando ao aluno que ao utilizar a língua materna, a que ele usa no seu cotidiano, não está errada por não estar de acordo com a gramática normativa, apenas está se expressando de uma maneira não formal, onde é evidenciada a variação que a língua materna possui.

É preciso que o aluno se sinta seguro em relação a diferença que existe entre a gramática normativa e a língua falada, para que a sua forma de se expressar não seja um impeditivo na sua evolução enquanto cidadão, o professor, enquanto mediador dessa aprendizagem, gramática e variação linguística, deve estar atento a essas questões para que o aluno não fique constrangido ao pronunciar palavras que fogem à regra gramatical, reforçando sempre que a variação linguística é uma constante na língua falada.

Em relação à discussão e reflexão acerca das características linguísticas da região Nordeste, eles, na condição de professores relatam, de forma breve, suas posições a respeito de tais características.

A professora Maria relata que a discussão acontece “de forma que possamos compreender melhor nossos vícios linguísticos e a importância dessa variação, levando em consideração seus saberes e conhecimentos linguísticos e a valorização do seu dialeto”. Em concordância, a professora Joana diz que “é fundamental discutir sobre as características linguísticas da nossa região, seja por meio de músicas, poemas e gravação de áudios, mostrando que não se fala errado se o interlocutor entende a mensagem”.

É importante entender que os “vícios linguísticos” apontados pela professora Maria são as variações da língua, que, por muitas vezes é tida como uma forma errada na língua falada ou escrita, por isso, ela salienta a importância de conhecer de forma mais aprofundada a variação existente na língua materna, inclusive as que se apresentam nas mais diversas regiões do país.

Ainda sobre a discussão das características linguísticas, o professor José relata que

são trabalhadas por meio do uso de gêneros textuais que evidenciam a cultura da nossa terra, podemos citar como exemplo o uso da literatura de cordel, os poemas de Patativa do Assaré, contos populares etc. Esses gêneros textuais abordam várias características da região Nordeste, pois têm uma linguagem própria, sendo assim, por meio deles, os discentes aprendem de forma contextualizada.

Embora os professores tenham concordado que essas discussões sobre a variação linguística sejam de grande importância, é possível perceber que a discussão em sala de aula ainda é feita de forma superficial, é o que afirma o professor José: “muitos docentes preferem trabalhar a gramática normativa, sendo assim, o ensino das variações linguísticas é abordado de forma superficial”.

São diversas as opiniões acerca dessa discussão em sala de aula, enquanto o professor João diz que “embora em sala de aula seja superficial, no currículo da escola isso é muito cobrado”. Em relação ao currículo que deve ser cumprido, em conversa informal com alguns professores, percebemos que apesar de ser exigido o que está no currículo, a escola está aberta a flexibilizar o mesmo, ou seja, à medida que os professores percebem que é necessário acrescentar algum conteúdo ou atividade na sua prática pedagógica, o currículo é modificado. Segundo a professora Joana, durante as reuniões pedagógicas estas necessidades são apontadas e

acolhidas pelo apoio pedagógico, flexibilizando o currículo para atender as necessidades dos alunos.

A professora Maria ressalta que “o sistema educacional mostra falhas, e uma delas é a fragilidade de como se trabalha a variação linguística em sala de aula”, essa falha é evidenciada quando “as escolas só abordam a variação regional, o que acaba reforçando, mesmo inconscientemente, o preconceito linguístico”.

Essa prática é constante no que diz respeito à priorização do estudo da gramática, deixando de lado a variação linguística que acaba se tornando o “jeito errado” de se falar ou escrever. É possível apontar, ainda, que quando a variação linguística é abordada na escola, apenas se evidencia a variação regional, deixando de lado a rica variedade de dialetos nas diferentes regiões do Brasil, o que acentua o preconceito linguístico.

Com essas percepções, ao final dos questionamentos, os professores demonstraram qual o critério para a seleção de textos de autores nordestinos, como são inseridos e trabalhados nas aulas, objetivando uma melhor compreensão por parte dos alunos em relação às variações linguísticas.

O professor José explica que

os textos são trabalhados de acordo com a grande curricular, o critério de escolha ocorre por meio do conhecimento prévio de cada turma, pois o conteúdo é ministrado conforme a necessidade dos alunos, pois os discentes aprendem de formas diferentes.

A professora Joana afirma:

já apresentei textos de autores nordestinos sim, o critério para a seleção desses textos vai de acordo com o objetivo de cada aula no momento, ou seja, o tema que queremos destacar. Os textos são inseridos de maneira direta, com leituras individuais e coletivas, ressaltando, antes de tudo, a sua interpretação, visto que, o texto não pode ser usado como pretexto.

A importância de inserir textos de autores da região também é evidenciada pela professora Maria quando relata que

o critério de relação dos textos vão além da perspectiva dialética utilizada, a cultura nordestina nos dá e nos mostra uma diversidade de obras e autores muito boa. Dessa forma, buscamos adequar nossas metodologias de acordo com a realidade de nosso aluno, seja trabalhando com música, poema, crônica, conto, todos esses gêneros nos possibilitam trabalhar o dialeto e as variações linguísticas nordestinas.

O professor João complementa quando diz que “já apresentei textos de Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré, pois são textos que, além de apresentar uma linguagem regional, ainda aborda a realidade das pessoas que vivem nessa região”.

Pode-se perceber a preocupação dos docentes em fazer com que os alunos compreendam que existem diferenças linguísticas e que não haja mais espaço para conceitos de certo ou errado, gerando preconceitos em relação a língua. Lidar com tais questões não é uma tarefa fácil, pois a diversidade na língua existe e nos mostra um pouco da cultura e da realidade de quem a usa.

Lutar contra o preconceito linguístico em qualquer uma de suas formas sempre vai ser um importante fator a ser discutido tanto dentro quanto fora da escola, mas a intolerância e a desvalorização das variações linguísticas contribuem para que essa caminhada seja ainda mais difícil.

5 CONCLUSÃO

É válido salientar que, pelo país ter dimensões de continente, mesmo compartilhando a mesma língua numa mesma região ainda há diversidade na maneira de se expressar, em se falando de Nordeste, há diversidade também entre

os Estados, visto que totalizam nove. Nesse sentido, dentro da própria região Nordeste, o fator geográfico acentua-se, pois há uma identificação regional muito grande, na qual, muitas vezes, pode-se identificar a origem de uma pessoa observando as diferentes expressões comunicativas das quais ela faz uso.

Sabemos que em uma sociedade as pessoas são diferentes e é importante que essa diversidade seja destacada midiaticamente, mas nem sempre pode ocorrer de forma positiva. Muitas vezes, a imagem produzida pela mídia sobre o Nordeste é estereotipada e estigmatizada, como se fosse apenas uma região pobre ligada ao atraso.

Compreender o ensino da Língua Portuguesa não apenas como ditar regras da gramática normativa foi a maior contribuição desta pesquisa. A inserção do ensino da língua materna, com a variação linguística existente nela, mostrou a importância de se trabalhar de forma mais ampla a língua falada, acentuando a sua diversidade dentro da região Nordeste, mais precisamente no Estado de Alagoas.

Para enriquecer a pesquisa e consolidar a importância da variação linguística, os estudos e apontamentos de diversos estudiosos contribuíram para confirmar que a língua não é uniforme, mas depende de diversos fatores, tais como: grupos sociais, ao regionalismo, à situação de formalidade ou informalidade ou ainda pode variar de acordo com a época em que a língua está associada, demonstrando desta forma a dinâmica da Língua Portuguesa.

Durante a pesquisa, a qual foi norteada pela Sociolinguística Variacionista, bem como observação e análise da prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa, pode-se entender que, apesar do avanço da inserção da variação linguística na sala de aula, ainda há muito que se fazer. Durante a observação das aulas, que estavam sendo ministradas de forma não presencial, devido ao momento pandêmico, pode-se verificar que tanto professores quanto alunos sentem dificuldades, ou ainda, se sentem acanhados para expressar de forma espontânea a língua falada, a informalidade recheada de dialetos, gírias e sotaques, tão comuns no cotidiano.

Dessa maneira, é possível afirmar que, apesar das dificuldades encontradas durante a pesquisa pelo ensino estar sendo de forma remota, é de grande importância que os alunos se apropriem não apenas da gramática normativa, mas que possam também se utilizar, de forma efetiva e segura, da língua de forma

variada, evidenciando que não há nada de errado quando se expressa de acordo com a região, o tempo ou ainda a condição social em que o indivíduo está inserido.

Por fim, diante de todas as discussões que fizemos e levando em consideração que o docente deve sentir-se mais seguro em trabalhar a variação linguística em sala de aula, seria pertinente que, através dos resultados desta pesquisa, pudéssemos contribuir, por meio de um minicurso, para a efetiva prática pedagógica dos docentes de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico. O que é como se faz**. 50 ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: José Luiz Fiorin (org). **Introdução à Linguística: I objetos teóricos**. 6 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DA SILVA, Elanxirle Teixeira. **Variação linguística na comunidade de Livramento: um estudo de caso**. (2015) 109f. Dissertação de Mestrado (Ciências da Linguagem). Recife/PE: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Por uma pedagogia da variação linguística**. In: CORREA, Djane A. (Org.) A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 21-50.

FOUQUET, Christina Benini Gimenes. **A influência no Dialeto Nordestino frente ao Dialeto Paulista**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-07112013-122227/publico/2013_ChristinaBeniniGimenesFouquet.pdf. Acesso em: 30/maio/2022

FREITAG, Raquel MeisterKo. LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Taiana da Silva. **O que você acha do falar nordestino?: crenças e atitudes linguísticas de universitário não nordestinos do campus do Sertão da UFAL**. Monografia. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5351/3/O%20que%20voc%c3%aa%20acha%20do%20falar%20nordestino%3b%20cren%c3%a7as%20e%20atitudes%20lingu%c3%adsticas%20de%20universit%c3%a1rios%20n%c3%a3o%20nordestinos%20do%20campus%20do%20sert%c3%a3o%20da%20UFAL.pdf>. Acesso em: 15/dez/2021

MÉLO, Iraneide Maria. **Variante linguística e identidade regional: redes sociais à sala de aula do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/226/3/IRANEIDE%20MARIA%20DE%20MELO%20-%20DISSERTA%c3%87%c3%83O%20PROFLETRAS.%202015.pdf> Acesso em: 13/jan/2022

NETO, Hugo Ferreira Machado. **O Preconceito Linguístico: relação alunos e ensino**. Artigo. Disponível em: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-preconceito-linguistico-relacao-alunos-ensino.htm#indice_1. Acesso em: 30/maio/2022

POSSENTI, Sirio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1996.

RIBEIRO, Josela Veber. **A variação linguística no ensino da língua portuguesa**. (2013). Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gramática e ensino da Língua Portuguesa). 21f. Porto Alegre/RS: UFRGS, 2013.

ROCHA, Anna Gabrielle Amorim. **A importância dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa**. Revista Científica

Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 03, Vol. 10, pp. 18-32. Março de 2020. Disponível em:
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/importancia-dos-geros> Acesso em: 15/nov/2021

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Varição e Mudança Linguística**: Panorama e Perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. Artigo. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul-dez, 2011. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em: 30/jul/2021.

SILVA, José Delcídes Pereira da. **Preconceito Linguístico na Escola**: é possível mudar. Monografia. Disponível em:
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/11792>. Acesso em: 03/jan/2022

SOBRINHA, Cecília Souza Santos. FILHO, Odilon Pinto de Mesquita. **A variação linguística no ensino de língua materna**: o que o professor deve fazer na sala de aula? Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 4. Edição 4. Junho-Agosto de 2011.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TELLES, Luís Fernando Prado. **Alguns Aspectos da Variação Linguística**. Artigo. Anuário da Produção Acadêmica Docente. Vol. III, n. 5, Ano 2009. Disponível em:
<https://repositorio.pgskroton.com/bitstream/123456789/1358/1/Artigo%2015.pdf> Acesso em: 26/jun/2021.

VIEIRA, Marília Silva. **O Gênero e os Fenômenos de Variação na Fala**. Artigo. Disponível em:
http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278282124_ARQUIVO_Ogeneroeosfenomenosdevariacaonafala.pdf. Acessado em: 15/dez/2021

ANEXOS

ATIVIDADES

1ª observação

Mineira de Amor aos Amigos...

Amo ocê !

Ocê é o colírio du meu ôiu.

É o chicrete garrado na minha carça dins.

É a mairionese du meu pão.

É o cisco nu meu ôiu (o ôtro iuiu - tenho dois).

O rechei du meu biscoito.
 A masstumate du meu macarrão.
 Nossinhora! Gosto dimais DA conta docê, uai.

Ocê é tamém:
 O videperfume DA minha pintiadêra.
 O dentifriço DA minha iscovdidente.

Óiprocevê,
 Quem tem amigossim, tem um tisôru!
 leu guárdêsse tisouro, com todú carinho,
 Du Lado isquerdupeito !!!
 Dentro do meu Coração!!!
 AMO Ocê, uai!!!

ATIVIDADE

1. LEIA COM ATENÇÃO A TIRINHA DO CHICO BENTO E RESPONDA:

A) Na tirinha acima, Chico Bento e a professora utilizam o mesmo tipo de variedade linguística? Qual dos personagens utiliza a linguagem regional e qual utiliza a linguagem padrão da língua portuguesa?

B) Reescreva as falas dos personagens utilizando a variedade padrão:

1º balão:

2º balão:

3º balão:

C) Foi preciso fazer alguma alteração nas falas dos personagens? De quem? Por quê?

Agora leiam o poema "Dialeto Nordestinos".

"DIALETOS NORDESTINOS"

" 'Chamamu' de dialeto "
 O linguajar popular

O que segue nesses 'versu'
Logo vai nos 'expricar'

O jeito de se 'ixpressá'
'Vareia' em cada região
No nordeste arribá
É tirar coisa do chão

Nossa língua é porreta
É formal e informal
Perna torta é zambeta
Insistente, cara de pau

“Homi que fais” casa
Pode se cortar na pedra
A ferida que lhe causa
É chamada de pereba

Chapa quente queima a pele
Chapa fria é dentadura
Quando “véia” até fede
“Mais” “selve” a quem usa

Moça “bunita” é formosura
Os “zomi” gosta de oiá
E com toda belezura
A moça segue a andar

“Eita” Nordeste “Vareiado”
Ninguém lá é bocó
Novidade é babado
Se nada sabe é brocoió

Aqui tem gente arrochada
E também gente medrosa
Basta ouvi uma gargalhada
Que se esconde “at...

ATIVIDADE

1.Qual o assunto do poema?

2. Pesquise o significado da palavra dialeto.

3. Explique o que você entendeu sobre os seguintes versos:

a) O jeito de se 'ixpressá'

'Vareia' em cada região

b) Nossa língua é porreta

É formal e informal

4. Reescreva as palavras de acordo com a língua padrão.

Chamamu / versu / expricar/ ixpressá/ Homi / fais/ véia / selve

bunita / zomi / oiá/ cumida/ móia / nois/ inchemu/ pobrema/

Bãe/ Vamu / acordá/ Vareiado

5. Explique o significado de algumas palavras que fazem parte do dialeto nordestino apresentados no texto.

Arribá/ zambeta/ pereba/bocó/ brocoió/babado/chinfrim

Leia o texto a seguir:

Eu e o Sertão

Sertão, argúem te cantô,

Eu sempre tenho cantado

E ainda cantando tô,

Pruquê, meu torrão amado,

Munto te prezo, te quero

E vejo qui os teus mistéro

Ninguém sabe decifrá.

A tua beleza é tanta,

Qui o poeta canta, canta,

E inda fica o qui cantá.

(PATATIVA DO ASSARÉ)

1. Reescreva o texto de Patativa do Assaré utilizando a norma padrão da Língua Portuguesa.

ATIVIDADES

2ª observação

Atividade

Variação linguística

Massa = Nó cego
. Oxente = Vixe

-Mangar -	Mulesta
Pé de cana -	Munganga-
-Zuada -	Pisa -
-Punhado -	Pru móde -
-Se abrir -	Se aproxegue -
-Se aprume -	Sustância -
-Tamburete de forró -	Taio ou taco -
-Troço –	Xodó
-Xilindró –	

Copie e coloque o significado das palavras acima:

Asa Branca Gonzaguinha

Quando oiei a terra ardendo
Igual fogueira de São João

Eu perguntei, a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei, a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação

Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão

Entonce eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Entonce eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo
Para mim vorta pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Para mim vorta pro meu sertão

Quando o verde dos teus oios
Se espaiar na prantação

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu vortarei, viu
Meu coração

01: Ao analisar a música o que o autor quis nos dizer com sua letra?

02: A música é rica em variação linguística, qual a variação presente na música, Variação histórica, regional ou variação social? Explique.

03: O que é variação linguística?

04: O que dialeto?

05: Quais palavras da letra da música você entendeu ter variação linguística? Explique.

ATIVIDADES

3ª observação

Tipos de assaltantes

- Assaltante nordestino: — Ei, bichim... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu to com uma fome da moléstia...

- Assaltante mineiro: — Ô sô, prestenção... Isso é um assarto, uai... Levanta os braço e fica quetim quesse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu num tô bão hoje. Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai?
- Assaltante gaúcho: — Ô, guri, ficas atento... Bah, isso é um assalto... Levantas os braços e te aquietas, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa as pilas pra cá! E te manda a La cria, senão o quarenta e quatro fala.
- Assaltante carioca: — Seguinte, bicho... Tu te deu mal. Isso é um assalto. Passa a grana e levanto os braços, rapá... Não fica de bobeira que eu tiro bem pra... Vai andando e, se olhar pra trás, vira presunto...
- Assaltante baiano: — Ô, meu rei... (longa pausa) Isso é um assalto... (longa pausa) Levanta os braços, mas não se avexe não... (longa pausa) Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado... Vai passando a grana, bem devagarinho... (longa pausa) Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado... Não esquenta, meu irmãozinho! (longa pausa) Vou deixar teus documentos na encruzilhada...
- Assaltante paulista: — Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta para comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pô, se manda, meu...

(Autor desconhecido – Texto circulando na internet)

O texto retrata várias cenas de assalto, cada uma delas situada em um estado ou região diferente do país. A fala do assaltante tem sempre o mesmo conteúdo, enquanto o uso da linguagem e o modo como o assalto é conduzido mudam de uma situação para outra. Identifique em cada uma das cenas duas palavras ou expressões próprias do:

- Nordestino
- Mineiro
- Gaúcho
- Carioca
- Baiano
- paulista

O poeta da roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé

De algum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu seio o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo da roça e dos eito
E às vezes, recordando feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Reescreva a canção adequando as palavras de acordo com a norma padrão da língua.

ATIVIDADES

4ª observação

Variação linguística

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, região para região ou de classe social para classe social e assim por diante.

Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

1 – você conhece alguma pessoa brasileira que tem um sotaque diferente? Como é o sotaque?

2 – já se perguntou de onde ele herdou essa forma de falar?

3 – você sabe porque as pessoas falam de diferentes maneiras?

A chegada de Lampião no céu

Foi numa Semana Santa
Tava o céu em oração
São Pedro estava na porta
Refazendo anotação
Daqueles santos faltosos
Quando chegou Lampião.

(...)

Atividade

1 o personagem principal do texto apresentado é:

- | | |
|--------------|-----------------|
| a) São Pedro | c) Pai poderoso |
| b) São Jorge | d) Lampião |

2 Identifique elementos da história que evidenciam sua origem regional.

Ai se sesse

Se um dia nois se gostasse
Se um dia nois se queresse
Se nois dois se empareasse
Se juntim nois dois vivesse
Se juntim nois dois morasse
Se juntim nois dois drumisse
Se juntim nois dois morresse
Se pro céu nois assubisse

(...)

1 – Leia o trecho do cordel “ai se sesse” de Zé da Luz e reescreva-o de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE MONOGRAFIA REALIZADA COMO TCC DO CURSO DE LETRAS DO IFAL/UAB

1- Nome:

2 – Formação acadêmica:

Especificar:

Ano de formação:

3 – Há quanto tempo atua como professor de Língua Portuguesa?

4 – Você aborda a questão da variação linguística em sua sala de aula: Qual a importância de trabalhar essa questão com os alunos?

5 – Em suas aulas, quais recursos didáticos utilizados durante o processo de ensino e aprendizagem?

6 – Em relação ao ensino de gramática, acha possível fazê-lo de uma maneira mais contextualizada? Se sim, como busca fazer isso? Se não, por que pensa dessa maneira?

Obs.: Compreendemos como “contextualizada” uma aula que aproxime o conteúdo didático ao conhecimento trazido pelo aluno, visando dar significado ao que se pretende ensinar e conseqüentemente tornar o conteúdo mais interessantes e significativo para o aluno.

7 – Em sua perspectiva, existe dificuldade em adotar novos métodos no ensino da gramática normativa fugindo ao tradicional “decoreba” de regras: Por quê?

8 – Embora seja extremamente importante discutir com os alunos sobre a variação linguística, às vezes o que é comentado em sala de aula das escolas brasileiras é feito de uma maneira mais superficial. Concorda com essa afirmação? Por quê?

9 – Você, como professor de Língua Portuguesa, radicado na região nordeste, se atenta em discutir sobre as características linguísticas dessa região? De que forma, poderia relatar brevemente?

10 – Para que os alunos tenham uma melhor compreensão, já apresentou ou apresenta textos de autores nordestinos que apresentam características desse socioleto? Qual o critério para a seleção desses textos, como são inseridos e trabalhados nas aulas?

Obs.: Socioleto é decorrente de experiências socioculturais que são comuns em determinado grupo de falantes que compartilham dessas experiências.